



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – DH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JOSÉ AUGUSTO DE LIMA

**CAMPINA GRANDE CENTENÁRIA E SESQUICENTENÁRIA: FALAS E IMAGENS
EM DOIS TEMPOS DISTINTOS.**

CAMPINA GRANDE - PB

2017

JOSÉ AUGUSTO DE LIMA

**CAMPINA GRANDE CENTENÁRIA E SESQUICENTENÁRIA: FALAS E IMAGENS
EM DOIS TEMPOS DISTINTOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em História, pelo Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Orientador: Prof. Dr. José Adilson Filho

CAMPINA GRANDE – PB

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732c Lima, Jose Augusto de.
Campina Grande centenária e sesquicentenária
[manuscrito] : falas e imagens em dois tempos / Jose Augusto
de Lima. - 2017.
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. José Adilson Filho , Coordenação
do Curso de História - CEDUC."

1. História de Campina Grande. 2. Centenário. 3.
Sesquicentenário.

21. ed. CDD 981.33

JOSÉ AUGUSTO DE LIMA

**CAMPINA GRANDE CENTENÁRIA E SESQUICENTENÁRIA: FALAS E IMAGENS
EM DOIS TEMPOS DISTINTOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito obrigatório para a obtenção do
título de Licenciado em História, pelo Curso
de História da Universidade Estadual da
Paraíba (UEPB).

Orientador: Prof. Dr. José Adilson Filho

Aprovado em: 06/12/2017

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. José Adilson Filho – DH/UEPB

ORIENTADOR


Prof. Jordan Queiroz Gomes - UEPB

EXAMINADOR

EXAMINADOR


Prof. Flávio Carreiro de Santana - UEPB

EXAMINADOR

EXAMINADOR

CAMPINA GRANDE – PB

2017

“O que aconteceu ainda está por vir.
E o futuro não é mais como era antigamente”.

(Renato Russo)

AGRADECIMENTOS

Pode parecer injustiça de minha parte não mencionar aqui aquelas pessoas que têm contribuído com a minha educação. Porém, considero mais injusto ainda esquecer-se de mencionar alguém que tenha feito parte da formação desse eterno aluno.

Dito isto, agradeço a Deus no qual deposito minha fé e busco reforçar a minha esperança naquilo que desejo: paz, saúde e felicidade para toda sociedade.

A meus pais, José Jordão (Caboclo) e Luzia Maria, pelos conselhos ditos, os quais trago comigo desde criança como guias por onde eu for.

À Minha esposa e minhas filhas, pessoas que, quando dirijo meu olhar, sinto o oxigênio purificado penetrando nos meus pulmões. Muito obrigado e me desculpem pelos momentos de ausência.

Aos professores, todos, meus sinceros respeito e agradecimento. Verdadeiros anjos guiando a humanidade para o seu melhor.

Aos meus amigos, vocês ajudaram muito esse cidadão na caminhada que ele escolheu.

A todos estes, meu muito obrigado.

SUMÁRIO

Introdução.....	6
Expectativa para um “Glorioso” Momento.....	7
Indícios de Um Convidado: o passado glorioso.....	10
O Passado de Campina Grande nas Páginas do Diário da Borborema.....	12
O Sesquicentenário: uma releitura do passado da mesma cidade.....	18
Considerações Finais.....	21
Referências Bibliográficas.....	23

CAMPINA GRANDE: CENTENÁRIA E SESQUICENTENÁRIA. FALAS E IMAGENS EM DOIS TEMPOS.

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade analisar o centenário e o sesquicentenário da cidade de Campina Grande, usando como principais fontes o Diário da Borborema de 1964 e fascículos do Jornal da Paraíba de 2014. O primeiro jornal abriu espaço para homenagear a cidade em seu centenário, e o segundo jornal homenageou a cidade no seu sesquicentenário. Em ambos os jornais, aspectos da história da cidade foram mostrados, e o principal foco desse trabalho é demonstrar se o passado dessa urbe, exposto nesses jornais, em ambos os momentos, é o mesmo. Tal empreitada nos possibilitou enxergar algumas diferenças, por isso entendemos ser esse trabalho uma pequena contribuição sobre a história e a memória dessa cidade, denominada “Rainha da Borborema”.

Palavras-chave: História de Campina Grande. Centenário. Sesquicentenário.

Introdução

Algumas comemorações costumam ter significados diferentes para as pessoas. Porém, em eventos como os aniversários de cidades isso fica mais evidente. Enquanto uma parte da população apenas se diverte com os atrativos que estes festejos oferecerem, outras pessoas, principalmente as que estão no poder, enxergam nessas comemorações um momento oportuno para consagrar e monumentalizar determinadas representações e memórias. E, caso se trate da comemoração de um centenário, que virou tradição e teve sua invenção por volta do final do século XIX (Hobsbawm, 1988), a efervescência tende a ganhar maior projeção.

Esses momentos são propícios para que se faça um passeio pelo passado, uma oportunidade para a produção e manipulação de memórias, para reafirmar ideias, ou seja, para apropriar-se de fatos sociais em prol de induzir, fabricar ou cristalizar uma memória. É isso que observaremos nas páginas seguintes desse trabalho, atentando para o que disse o pesquisador Michael Pollak “não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mais de analisar como os fatos sociais se tornaram coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (POLLACK, 1989)

Ou como disse Gustavo Henrique Silva ao analisar o centenário da cidade de Caruaru. Sobre tal comemoração, o autor afirma:

[...] é também um instrumento de manipulação da memória coletiva. É um momento de exaltação do que é importante no jogo de interesses políticos e ideológicos dos que estão no poder. Ao mesmo tempo em que algo é exaltado e classificado como digno de memória, apaga-se da lembrança tudo aquilo que é considerado irrelevante, constrangedor ou não merecedor de menção (SILVA, 2017)

O que seria indigno? O que seria irrelevante? O que seria constrangedor? Que fatos são esses não merecedores de serem mencionados em um determinado momento? Meses atrás, o desejo de estudar o centenário campinense já estava palpitando, ao avistar uma residência com quatro “combombois” enfeitando sua parede, com os escritos que remetiam a esse momento, somado a isso veio as indagações acima, e foi isso que foi feito. Analisando o centenário da cidade de Campina Grande, lembrei-me que no sesquicentenário foram produzidos pelo *Jornal da Paraíba* alguns fascículos, através dos quais diversos aspectos históricos da referida cidade eram descritos e analisados.

Isto me chamou a atenção, levando-me a desejar compreender os significados dos 150 anos, sob a ótica daqueles fascículos e também do Diário da Borborema, principalmente de uma edição comemorativa feita por esse último jornal dos 100 anos da cidade de Campina Grande.

No que tange o uso de jornais como fonte para a escrita da história, faz-se necessário ressaltar o que disse Tania Regina de Luca (2006), diz ela que até por volta da década de 1970 seu uso como fonte histórica era pouco. Por vários motivos, mas o principal é atribuído a tradição historiográfica do momento. Tradição essa que se pretendia resgatar a verdade absoluta dos fatos, coisa que não se via no jornal. Outro problema, que contribuía para o desprezo da imprensa como fonte, é que se via a imprensa “subordinada às classes dominantes, mera caixa de ressonância de valores interesses e discursos ideológicos (LUCA, 2006, p. 116). No entanto, nas décadas finais do século passado ocorre uma importante mudança de interesse, a chegada da “Terceira Geração dos Annales” veio com novos problemas, objetos e abordagens, reagindo aos determinismos do momento, ampliou-se o os objetos de pesquisa do profissional da história, e o uso do jornal como contributo para a escrita da história ganhou seu espaço.

Dito isso, nas páginas adiante, os leitores e leitoras poderão fazer suas considerações e refletir sobre as perguntas feitas anteriormente, além de conferir se o passado convidado para estar presente nas comemorações do centenário foi o mesmo que marcou presença no sesquicentenário.

Expectativas para um “Glorioso” Momento

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir ou de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis (POLLACK, 1989)

Os preparativos foram muitos, a expectativa (a memória) para a festança (dia em que a memória produzida será exposta) foi sendo, de certa maneira, criada nas páginas do jornal *Diário da Borborema*. Anos antes, por volta de 1961, as autoridades políticas já davam sinais acerca dessa data centenária tão importante.

Em 1961, Severino Cabral, prefeito de Campina Grande, já antecipava os preparativos para as comemorações do centenário. De acordo com o historiador Antônio Clarindo Sousa (2002, p. 202) teria sido esse prefeito o criador da “Comissão do Centenário”: COMCENT. Essa comissão tinha como finalidade, além de arrecadar recursos, ser também a “responsável pela organização dos vários eventos e obras que deveriam marcar para sempre a data magna da cidade”.

De início, a “Comissão do Centenário” tinha em sua formação o próprio Severino Cabral como presidente, Noaldo Dantas, Edvaldo do Ó, Sinval Pereira, José Lopes de Andrade e Vital do Rego que era deputado estadual e genro do governador Pedro Gondim. Este último destinou vários recursos para as obras e o que mais fosse necessário para os preparativos do centenário. A lei Nº 37 de 17 de abril de 1961, promulgada por Cabral, deu respaldo ao surgimento da comissão (MONTENEGRO, 2017).

Dito isso, e conforme tal data se aproximava, alguns acontecimentos que possivelmente passariam despercebidos, mas que, por ocorrerem no “ano do centenário”, ganharam destaque, digamos, mais relevância. Esses acontecimentos foram vários, nas páginas adiante trago alguns exemplos deles.

Temos, por exemplo, o carnaval, festa popular que atrai um diversificado e enorme contingente de foliões, que todo ano ocorria normalmente. No entanto, agora não se tratava de um mero carnaval, mas sim do “Carnaval do Centenário”, como mostra o *Diário da Borborema* do dia 05/01/1964:



Fonte: Diário da Borborema (05/01/1964).

Além do carnaval, que ganhava maior projeção, ganha destaque também as debutantes, ou seja, as jovens que completariam seus quinze anos de idade naquele ano. Não seriam apenas jovens debutantes comuns, mas sim as “Debutantes do Centenário”. Durante esse ano, de janeiro a dezembro, o *Diário da Borborema* reservou espaço para os detalhes sobre as aniversariantes. Fotos dessas jovens eram colocadas e noticiadas nesse jornal para os leitores. Outro indício que possibilita enxergar o trabalho de monumentalização da “gloriosa” festa encontra-se no destaque dado nas páginas do *Diário da Borborema* a diversas mulheres, a exemplo da “As Mais do Ano do Centenário”. Nomes como o de Terezinha Nóbrega Gaudêncio, Benita Silveira Figueiredo, Rosele Rique, Elizabeth Figueiredo Marinheiro, Nilda Moura Fernandes são alguns dos nomes dessas mulheres “Mais”.



Fonte: Diário da Borborema (11/10/1964).

Essas comemorações ao Centenário de Campina Grande mobilizaram os esportes. O futebol, sua maior expressão, não ficaria de fora, pois foi organizado um evento (um torneio) no qual participaram times da cidade e de estados vizinhos. Só que não se tratou de um simples torneio, mas sim do “Torneio do Centenário”. Até a plantação de uma árvore se configurou como uma grande atração e semióforo da futura data magna: “a Árvore do Centenário”.

Esses exemplos trazidos acima, somados a outros e sendo noticiados em meios de comunicação como o rádio, etc., certamente ajudaram a criar na sociedade local forte expectativa para com o evento “glorioso” que estava por vir. Uma festa que se pretendia extraordinária e, para tal, buscava legitimação através de enquetes e perguntas aos cidadãos.

Um programa de rádio, por exemplo, criado desde de 1961, contribuía fortemente para a criação dessa expectativa acerca da data tão importante. Esse programa acontecia na Rádio Borborema e era administrado pelo senhor Noaldo Dantas (um dos membros da comissão do Centenário). Várias pessoas participavam desse programa, principalmente empresários e autoridades políticas. Nesse referido programa, os apresentadores explanavam suas opiniões e sugestões sobre como a festa poderia ser realizada. Uma revista, ou melhor, a “Revista do Centenário”, estava na pauta dos eventos (SOUSA, 2002).

Contou-me o senhor Gilson Patriota, acerca de uma pergunta que fizeram a um participante da festa: indagado se ele teria gostado, ele respondeu dizendo que “nunca mais perderia outro centenário de Campina Grande” (o senhor Gilson Patriota ouviu de sua mãe). Além de essas expectativas terem sido criadas nos anos que antecederam a data da festa, em alguns momentos era possível perceber e imaginar a memória, o passado que seria visto. É o que tentaremos mostrar no tópico seguinte.

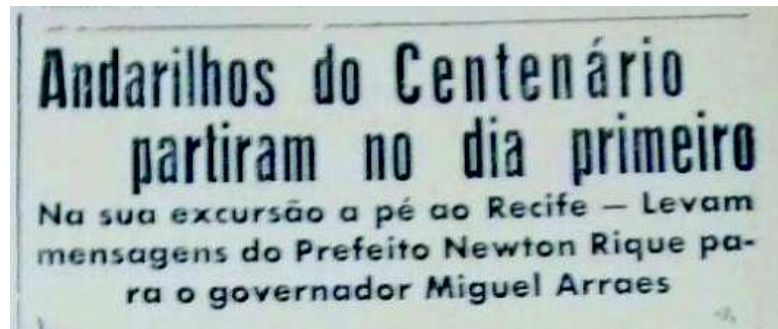
Indícios de Um Convidado: o passado glorioso

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF, 2012, p. 456).

Por volta do dia nove de janeiro, o *Diário da Borborema* traz a notícia de mais uma das atrações que se somariam às comemorações do centenário campinense. Refiro-me ao anúncio que diz respeito a um grupo de pessoas que, em homenagem as festividades de

comemoração a “Rainha da Borborema”, se reuniram e resolveram trilhar até a capital pernambucana.

Os “Andarilhos do Centenário”. Aos “Andarilhos do Centenário” coube a responsabilidade de levar as mensagens do prefeito da aniversariante, Newton Rique, ao governador de Pernambuco.



Fonte: Diário da Borborema (09/01/1964).

Contudo, não se trata de uma missão qualquer: tratava-se de algo mais expressivo do ponto de vista da memória e do mito fundador da cidade, ao ser conhecida como “Missão Teodósio”.

E por isso é importante trazê-la aqui, pois tal nomenclatura, ao fazer menção a um Oliveira Ledo, nos fornece um sinal considerável da memória que se pretende construir ou mostrar do passado que será evocado e terá presença marcante na data que está para chegar, ou seja, o dia 11/10/1964, dia do aniversário de cem anos da cidade, aniversário daquela onde anos antes o Teodósio “teria aldeado os índios”.

Observem que, por se denominar de “Missão Teodósio”, logicamente e tendo em vista ser o Oliveira Ledo o mito fundador do município da época, é de considerável importância mencioná-la, pois seus feitos é o que serão explorados: se Teodósio teve uma missão grandiosa na fundação da cidade, isso se espelha e é um sinal claro da história que será mostrada para os festejantes do centenário.

Mais adiante, nas páginas do *Diário da Borborema*, indícios desse passado que está prestes a ser exaltado e mostrado para os demais convidados vão ficando mais fortes. No mês de janeiro de 1964, o referido jornal destaca em uma página completa à cidade que anuncia a festa para o Brasil.

Com o título em letras garrafais e bem destacadas, o anúncio diz: “A PARAÍBA DIZ AO BRASIL QUE CAMPINA GRANDE É CENTENÁRIA”. A manchete apresenta também em sua folha a imagem do monumento que estaria sendo construído em comemoração a tal

data. Trata-se do monumento que ficou conhecido como “Os Pioneiros”. Entretanto, o que chamou a atenção foram os escritos que vêm abaixo e que também se somam a manchete:



Fonte: Diário da Borborema (12/01/1964)

A importância nessa manchete é que nela é possível perceber alguns sinais (indícios) do passado que estará presente nas comemorações do Centenário de Campina Grande. Os/as leitores/as atentem para as partes do texto referente a “glória”, “progresso”, “heroica”, que ficará mais fácil saber quais são os “vultos históricos” e qual o “dignificante exemplo dos ancestrais” que estão e estarão em pauta, ou melhor, que marcarão presença na pauta das comemorações do centenário.

A glória se deve aos feitos de Teodósio de Oliveira Ledo. A ele se dedica os feitos heroicos, sem os quais a cidade aniversariante não teria surgido. Ele é o ancestral. É ele o “dignificante exemplo”, pois a sua desbravada atuação por estas bandas são indícios dessa memória que se apresentam no enunciado. E isso é o que tentaremos analisar nas páginas adiante.

O Passado de Campina Grande nas Páginas do *Diário da Borborema*

Faz-se ainda interessante sublinhar como no presente, os atores políticos procuravam demonstrar que a cidade caminhava rumo ao “progresso”, fez um recuo ao passado para explicar suas glórias, bem como, para promover um dever de memória aos personagens heroicos e fatos marcantes da Rainha da Borborema (AGUIAR, 2014, p. 179).

Dias antes das comemorações do centenário de Campina Grande, mais especificamente nos dias seis, sete e oito, como uma das atrações da festa, apresenta-se no Teatro Municipal com um espetáculo de dimensões imensuráveis: o “inigualável”, o “Fabuloso” José Vasconcelos com “O Maior Espetáculo Teatral de 1964”: “O Expresso das Seis e Trinta”. Mas, eis que é chegado o dia 11 de outubro, dia em que foi comemorado o Centenário de Campina Grande. Várias atrações marcaram essa data. Foi lançado o álbum de figurinhas. A árvore foi plantada. Houve parque de diversão (o grande parque do centenário). Várias escolas desfilaram pelas ruas da cidade. Orlando Silva (o cantor das multidões) apresentou-se no auditório da Rádio Borborema e diversas autoridades marcaram presença. Essas e outras atrações e homenagens delinearão-se nesse dia na “Capital do Interior do Nordeste”.

O álbum de figurinhas e os desfiles das escolas, mais especificamente essa segunda atração, abordaram temas diferentes e relacionados à história de Campina Grande. O enaltecimento ao progresso aos grandes feitos e aos heróis esteve presentes nessas homenagens. O historiador Joabe Sousa Aguiar analisou esses pontos em sua dissertação de mestrado.

Nesse mesmo ano, por conta de se tratar do ano do centenário campinense, fizeram uso de tal data para exaltar algumas personalidades. Como não poderia deixar de ser, e seguindo o rito, vários foram os homenageados que ficaram conhecidos como “As Personalidades do Ano do Centenário”.

Noaldo Dantas, o professor Stenio Lopes, Antônio de Almeida Barreto, Edson de Sousa do Ó, Dea Cruz, Nair Luz são algumas dessas personalidades. Contudo, o destaque maior parece ter sido dedicado ao governador da época, Pedro Gondim.

Dentre “As Personalidades do Ano do Centenário”, estampadas nas páginas do jornal *Diário da Borborema*, Pedro Gondim encontra-se ao centro e com maior dedicatória. E é justamente nessa dedicatória que podemos começara visualizar e perceber um pedaço do passado “glorioso” exaltado nas festividades do centenário.

Abaixo, trago parte desta dedicatória apologética destinada ao governador Pedro Godim, já que é importante frisar que os festejos do centenário foram motivos por vários embates no campo político. Gondim fez bastante uso desse evento em prol de seus correligionários. A mensagem também dá sinais disso. Vejamos o que diz a dedicatória:

Campina Grande, Rainha da Borborema, não teria manto tão cheio de esplendor se os raios de evolução e desenvolvimento não tivessem brotado do grande pulso administrativo do Dr. PEDRO MORENO GONDIM, nosso ilustre Governador do Estado. Visão elástica, homem cujo senso impulsivo, sempre presente nas grandes batalhas visando o bem estar da comunidade campinense; decisivo nas atitudes, nunca negou seus trabalhos e esforços em qualquer momento que a cidade, século necessita de seu apoio de ordem política, administrativa ou social. Seu amor a C. G. fez-lo imortal e nós corações gratos dos campinenses, há um lugar reservado para o Dr. PEDRO MORENO GONDIM. Suas realizações foram muitas, e autênticas, em todos os ângulos da atividade humana; seu senso administrativo e evoluído procurou edificar a bela cidade que Teodósio de Oliveira Ledo descobriu. Foi o governador que mais investiu em nossa cidade e em menor

Fonte: Diário da Borborema (11/10/1964).

A mensagem é bem maior. No entanto, não é o tamanho dela que importa, mas o que é relevante para o trabalho realizado é o trecho da referida mensagem que atribui a descoberta da cidade de Campina Grande a Teodósio de Oliveira Ledo. Essa é uma parte do passado explorada nas comemorações do centenário.

Mas, homenagens de algumas pessoas e instituições foram dedicadas à Campina Grande por intermédio do Diário da Borborema. Essas pessoas usaram esse meio de comunicação para felicitar a anfitriã. No entanto, foi possível perceber nessas saudações um passado que parece não ser diferente do encontrado pelo historiador Joabe Sousa Aguiar.

Uma das felicitações consagradoras de uma imagem hiperbólica do progresso citadino, encontrada nas páginas do jornal *Diário da Borborema*, foi a do “Banco Industrial de Campina Grande S/A (folha 3). Vejamo-la:

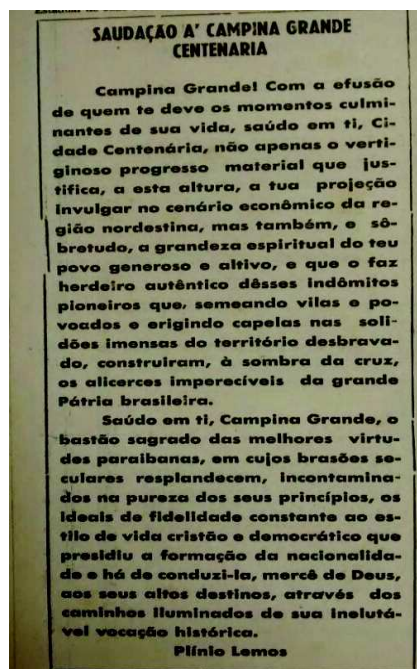
Temos certeza de que somos uma parcela dos CEM ANOS DE PROGRESSO que, neste DIA HISTÓRICO, festejamos em praça pública e sob as bênçãos de Deus, para testemunho das glórias do passado e memórias das futuras gerações [...] Nesta hora de sublimação das consciências e exaltação das almas, lançamos um olhar retrospectivo às origens desbravadas por Teodósio de Oliveira Ledo, e compreendendo bem a grandeza do esforço despendido para a criação desta bela e generosa CAPITAL DO TRABALHO, formulamos os mais ardentes votos para que esse surto de desenvolvimento, que ajudamos a construir, possa se consolidar, num futuro próximo, na Civilização de prosperidade e bem-estar social que sonhamos para a felicidade os nossos filhos [...].

É dessa maneira que se encontra essa saudação, com algumas palavras destacadas em letras maiúsculas. Pode ser percebido por aí o tom ufanista da homenagem, tanto pelas palavras quanto pelo destaque dados a elas. Mas, observem algumas pistas acerca do passado que compõe a saudação.

Atentem que ele evoca “as glórias do passado” como motivo pelos quais estão comemorando os tais “cem anos de progresso”. E o “olhar retrospectivo” se dá em busca do pioneiro, daquele que, com grandeza, desbrava é tido como o fundador da atual cidade: Teodósio de Oliveira Ledo.

Teodósio de Oliveira Ledo, de acordo com Epaminondas Câmara em “Os Alicerces de Campina Grande” (2006, p. 21) e Elpídio de Almeida em “História de Campina Grande”(1978, p.35), possivelmente foi o “grande desbravador” que trouxe alguns “índios da tribo ariús ou ariás” e aldeou-os nessa grande campina, e que veio a se tornar Campina Grande.

Das várias felicitações dedicadas à aniversariante, trago aqui mais uma, a de Plínio Lemos, advogado e político, que, além de falar da projeção econômica, saudou Campina Grande:



Fonte: Diário da Borborema (11/10/1964)

Note que esses indomáveis parecem fazer referência apenas aos Oliveira Ledo, pois se credita a esses o surgimento de várias vilas e povoados e, principalmente, o surgimento da aniversariante ora prestigiada. Lemos faz menção também a signos da religião, ao mencionar “erigindo capelas”. Lemos atribui à religião e aos desbravadores terem retirado Campina Grande da solidão, ou seja, também contribuíram a espalhar a religião no território que nunca deixará de existir. Como podemos observar, valoriza-se a saga do indivíduo-herói, corajoso e também civilizador dos povos nativos. E ainda finaliza a dedicatória afirmando ser isso uma

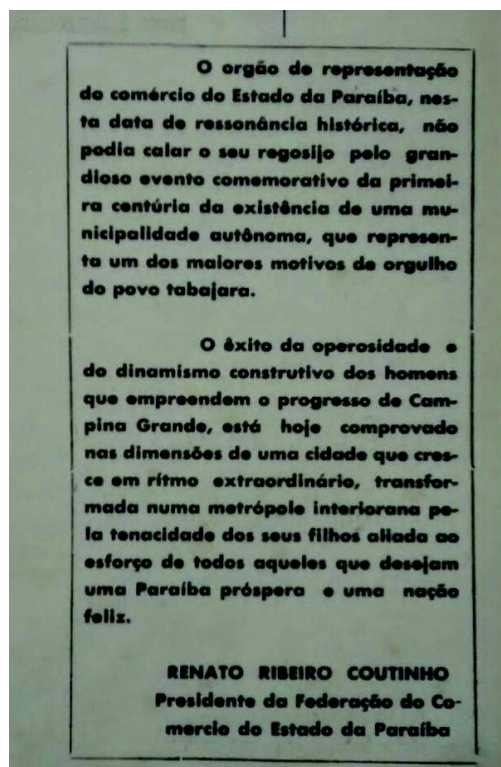
“inelutável vocação histórica” da anfitriã e de seu povo, ou seja, o seu povo tem que seguir e continuar no mesmo rumo.

Por volta da primeira metade do século XX, o algodão foi de grande contribuição para o desenvolvimento de Campina Grande. Esse produto ficou conhecido como o “Ouro Branco”. Embora se tenha começado a sua produção aqui no Brasil, em larga escala, apenas no século XVIII, só anos depois é que sua comercialização atingiu o topo das exportações brasileiras.

O fato é que a cidade ficou conhecida como a “Liverpool brasileira” devido ao forte comércio desse produto. Nessa época, a “Rainha da Borborema” passou a ser o segundo polo de comércio de algodão do planeta, principalmente após a chegada do trem em 1907 (Viana, 2013, p.141; e Aranha, 2006, p. 241-242). O trem, por ser um meio de transporte de larga escala, facilitou a locomoção e conseqüentemente o aumento desse produto na região em torno do município. Na comercialização desse produto estava uma firma argentina, especializada no ramo. Assim, era de se esperar que tal firma deixasse sua homenagem para a cidade.

Seguindo o mesmo ritmo de mensagens, na mesma linha, a Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro (SANBRA), empresa que trabalhava com o algodão tendo como gerente Demerval Sobral, também deixou, nas páginas do *Diário da Borborema*, sua felicitação à cidade centenária. Tendo como referência um determinado passado, perceptível na sua mensagem, nela o gerente diz que a SANBRA “empenhada também na marcha do progresso da região” e, particularmente de Campina Grande” (lembramos que tal progresso é atribuído ao pioneiro desbravador), que deseja “evocar, nesta ocasião, o heroísmo e a tenacidade dos pioneiros desbravadores que, fundando a Vila da rainha, nos legaram a metrópole interiorana que hoje honra a Paraíba e o Brasil”. Ou seja, as atitudes dos Oliveiras Ledos foram heroicas, independentemente do que eles tenham feito, pois esse é o passado, foi esse que ele evocou na saudação.

E não para por aí, haja vista que essa apologia às grandezas do passado, com heróis e feitos importantes, no centenário, repetem-se com frequência por diversos atores. Os representantes do capital, através da “Federação do Comércio do Estado da Paraíba”, que tinha como presidente Renato Ribeiro Coutinho, legitimam ainda mais o discurso dos mitos fundadores da cidade. Mitos que, de certa maneira, foram sendo preparados muito antes: à medida que o sentimento de expectativa foi sendo alimentado, como demonstrado no primeiro tópico.



Fonte: Diário da Borborema (11/10/1964)

Essa felicitação encontra-se na página três do segundo caderno do *Diário da Borborema* daquela data (11/10/1964). A mensagem traz em suas linhas um elemento pertinente a ser analisado: “ressonância histórica”.

Provavelmente isso se deva ao fato de que nas várias atrações, seja no álbum de figurinhas, no desfile das escolas, nas diversas pessoas tenham-se reportado ao passado da urbe naquele 11 de outubro de 1964. Refiro-me ao passado que atribui enaltecimento e dedicação aos grandes feitos e seus ilustres e indomáveis “heróis”, como os Oliveira Ledo, por exemplo. Afinal o sucesso da aniversariante, a antiga “aldeia que se fez metrópole” até o seu surgimento. Desde os seus primórdios nessa comemoração tem-se atribuído a Teodósio de Oliveira Ledo. Parece que sem ele a história dessa cidade não seria tão bela, nem se quer existiria.

E nessa ressonância, uma questão possível que deve ser feita é: o que ele encontrou nesse passado que o levou a afirmar, naquele tempo, presente (a comemoração do centenário) se tratar de um dos maiores orgulhos para o povo tabajara? Por certo, não fazia parte desse passado o suor, o sangue, as lágrimas e a dor desse povo que fora dominado pelos heróis (FREIRE, 2016).

O Sesquicentenário: uma releitura do passado da mesma cidade

Todo historiador é marcado por um lugar social, por sua “data” e por sua pessoa. Veem-se sempre aparecer obras novas sobre o mesmo assunto. À medida que o tempo passa, novas experiências são acrescentadas. O passado é assaltado por interrogações novas, que oferecem respostas diferentes das anteriores. Em cada presente há um esforço de compreensão: de autolocalização pela rearticulação de passado e futuro (REIS, 2007, p. 11).

Um tempo novo chegou: o presente diz que Campina Grande agora completara um século e meio de existência. Dessa vez foi o *Jornal da Paraíba* que buscou homenagear a cidade nessa data e editou alguns fascículos, nos quais navegou também pelo passado da aniversariante. São esses fascículos que iremos analisar para tentar perceber se o passado ali presente se trata do mesmo, ou muda de configuração.

Nas proximidades de completar mais um aniversário, o dia 11 de outubro de 2014, agora com 150 anos, o passado da “Rainha da Borborema” foi revisitado e o resultado será mostrado nas linhas a seguir.

Nas primeiras páginas do fascículo 2, publicado pelo *Jornal da Paraíba*, o qual agora direcionamos a nossa observação, com o título “A Cidade e Seus Primórdios”, encontramos uma trajetória sobre a aniversariante que, além de por em questão o próprio princípio da ocupação desse território, também reflete acerca do heroísmo de alguns personagens. “Entre conflitos e acordos, surge a Rainha da Borborema”. Ora, não se trata de conflitos e acordos entre os que se tinham como heróis, mas sim entre os “heróis” e aqueles que ficaram, no passado do centenário às margens da história, de fora do protagonismo da história da cidade, ou seja, como relatou nesse fascículo Juciene Ricarte Apolinário:

Homens e mulheres indígenas, negros e negras escravizados ou forros, tropeiros, sertanistas, sesmeiros, representantes da administração colonial do antigo regime português, conjuntamente, participaram de espaços de conflitos e negociações construindo o que hoje comemoramos como Rainha da Borborema, a cidade de Campina Grande (p. 2).

Percebemos que ambas as camadas da sociedade de então participaram dessa trajetória. A passividade de alguns parece não ter sido como outrora diziam. Tanto que o “desbravador” teve que “assassinar centenas de homens e mulheres indígenas para açabancar suas terras”. De acordo com o que mostra o jornal, muitas das vezes degolando e escravizando sem fazer distinção entre mulheres e crianças. Teve que ser assim, pois isso se deveu ao fato

dos nativos terem oferecido algum tipo de resistência às “atitudes heróicas” dos desbravadores. Além de, também, demonstrar que ao se adentrar no passado dessa urbe se viu “gotas” de sangue na sua trajetória.

Não só dos índios, mas também dos escravizados. O pelourinho presente na vila servia para castigar, pelas mãos heróicas, aqueles que, resistindo à condição de escravo, eram açoitados em praça pública.

Questionando a ocupação do território, é posto nas páginas do *Jornal da Paraíba* que no lugar onde o “desbravador” supostamente teria aldeiado os índios em tal área já ser habitada e que não há consenso entre os historiadores acerca da exatidão tanto do início quanto de como essa área foi habitada. Outro ponto que põe em questão o mito fundador dessa cidade se dá pelo fato de que, de acordo com o passado, no *Jornal da Paraíba*: “em toda a região dos chamados Cariris Velhos em que historicamente o nosso município esteve inserido, aqui já habitavam povos indígenas há centenas de anos”, relata Apolinário. E continua o jornal dizendo que, vários desses índios, no pós-contato com os colonizadores, para além do confronto, como estratégia, atuaram muitas vezes colaborando e fazendo alianças como um modo de sobreviver diante das circunstâncias do momento.

No fascículo de número 3, o *Jornal da Paraíba* traz a abordagem feita nos anos oitocentos (século XIX). Nesse século, além de demonstrar que houve alguns eventos nos quais o protagonismo não ficou por conta dos dominantes, reafirmando que a riqueza que foi construída nessa cidade dependeu das lágrimas e do sangue de outras pessoas, ou seja, nesse passado que foi revisitado, foi possível perceber o quanto a história de Campina Grande dependeu do trabalho de mulheres e homens escravizados.

O fascículo elenca movimentos dos quais a cidade participou, como o “Ronco da Abelha” ou “Guerra dos Marimbondos” (1851-1852), e o “Quebra Quilos” (1874-1875). Chama-se “Ronco da Abelha” o movimento popular de pessoas insatisfeitas com alguns decretos imperiais que pretendiam instituir o registro civil e óbitos. A população mais humilde, desconfiada que esses decretos pretendessem escravizá-los, se armou de foice, enxada e espingarda para atacar prédios e funcionários públicos.

O “Quebra Quilos”, movimento também popular em que os revoltosos ficaram insatisfeitos com os novos padrões de pesos e medidas e, por isso, resolveram protestar. Esses são movimentos que tiveram enorme participação popular na história de Campina Grande. Segundo relata Luciano Mendonça nas páginas do fascículo de número 3 do *Jornal da Paraíba*, tais movimentos são uma demonstração da atuação dos “de baixo” quando insatisfeitos com atos dos governantes e contribuintes da história local.

O processo de escravidão também é mencionado nesse fascículo. Por volta da página 6, há um relato significativo a ser analisado. Ainda de acordo com Luciano Mendonça (exposto no fascículo) a “ideologia da classe dominante da ‘Capital do Trabalho’ buscou suprimir da memória histórica da cidade a experiência concreta daqueles que verdadeiramente construíram com sangue, suor e lágrimas a sua riqueza material”. Por essa imagem é possível perceber um “novo passado”, onde as mulheres e homens escravizados que estiveram na base do desenvolvimento da cidade agora sesquicentenária.

O sistema produtor do algodão, já mencionado anteriormente, que com a mão-de-obra de pessoas simples, contribuiu para a riqueza da anfitriã dos 150 anos. Ou seja, isso serve para mostrar um passado onde negros, mulheres, tropeiros, etc., tiveram participação nessa história. Diferentemente dos que participaram do passado do centenário da mesma cidade: os Oliveira Ledo.

Além de ter ficado de fora, às margens da história da cidade, essa camada trabalhadora também não usufruiu dos atrativos do apogeu do “Ouro Branco”. Talvez por isso, o historiador Josemir Camilo, no fascículo de número 4, tenha se posicionado no seguinte alinhamento, diz ele que “temos que desmistificar esse ouro branco, porque só era ouro para os ricos e não para os camponeses, meeiros e foreiros”.

Dando continuidade ao nosso trabalho, observamos, no fascículo 4, mais especificamente onde o jornal intitula o que considera como “Ostentação e Luxo Com os Lucros do Algodão”, um certo contraste em meio a esse progresso. A elite que se beneficiou da riqueza proporcionada nesse momento buscou construir um espaço de diversão para eles. Foi assim que surgiu o “Eldorado”, local com jogos para a diversão dos ricos que ali frequentassem e também com mulheres, prostitutas luxuosas dispostas a atender essa camada social detentora do poder.

No entanto, nas proximidades do “Eldorado”, predominava um problema: “o estigma sobre as mulheres que frequentavam os diversos cabarés populares instalados por ali”. Esses cabarés, que contrastavam com o luxuoso “Eldorado”, eram visitados pelos trabalhadores braçais do algodão. Afirma Antônio Clarindo que tanto os trabalhadores quanto essas prostitutas vieram para a cidade “estimulados pela fama, progresso e desenvolvimento que as elites tanto faziam questão de alardear”. Sousa continua dizendo no mesmo fascículo que, havia cerca de 800 prostitutas com idade entre 15 e 30 anos nos cabarés da cidade, ou seja, um contraste perturbador, inconveniente àqueles que exaltaram um passado “glorioso” para a cidade cinquenta anos atrás.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem feita sobre o centenário e o sesquicentenário de Campina Grande nos possibilitou perceber diferença acerca da análise sobre os passados distintos. Pela averiguação do passado trazido no aniversário dos 150 da cidade foi possível perceber o que não foi posto no passado do centenário.

Bem destacou a historiadora Juciene Ricarte Apolinário, no fascículo 2 do *Jornal da Paraíba* de 2014, onde ela diz que “a historiografia tradicional que foi ovacionada nas comemorações do centenário de 1964” sendo a responsável pela criação do mito fundador de Campina Grande atribuindo tal feito ao Teodósio de Oliveira Ledo, ou seja, uma historiografia que excluiu da história os reais donos da terra. Uma historiografia que mostrou um passado sem os reais contribuintes da história da cidade.

Estudando o centenário e o sesquicentenário também foi possível encontrar alguns aspectos do que seria indigno, do que seria irrelevante, do que seria não merecedor de ser mostrado no aniversário dos cem anos pelo que foi trazido no passado do sesquicentenário.

As demandas do presente (e não só as demandas) impulsionaram a extração de outros detalhes do passado. Outras subjetividades e novas perspectivas filosóficas, teóricas e metodológicas no campo da história que influenciaram e permitiram aos historiadores que contribuíram para o *Jornal da Paraíba* mostrar que o passado convidado para o centenário não é um jardim tão florido como foi descrito, pois eles encontraram nesse jardim alguns espinhos e flores não muito bonitas e cheirosas.

Assim, este trabalho buscou, de maneira breve, discutir como cada época e cada geração lê, interpreta, (re)constrói, (des)legitima, questiona e (re)pensa seu passado. E tal prática social – nos momentos de comemoração – tende a se recheiar de forças e de novos sentidos, pois narrar não é apenas contar uma história, é também um ato de des(construir) memória, imagens e mitos: é um verdadeiro exercício de poder.

CAMPINA GRANDE: CENTENARY AND SESQUICENTENÁRIA. TALKS AND IMAGES IN TWO TIMES.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze the centennial and sesquicentennial of the city of Campina Grande, using as main sources the Diário da Borborema of 1964 and Fascículos do Jornal da Paraíba of 2014. The first newspaper April space to honor the city in its centenary and the second newspaper honored the city in its sesquicentenary. In both newspapers aspects of the history of the city have been shown, and the main focus of this work is to demonstrate if the past, of this city, exposed in these newspapers, in both moments, is the same. This work enabled us to see some differences, so we understand that this work is a small contribution to the history and memory of this city.

Keywords: History of Campina Grande. Centennial. Sesquicentennial.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Joabe Barbosa. **Uma Festa Para A Rainha da Borborema: o centenário de Campina Grande (1960-1964)**. Dissertação de mestrado, UFCG, Campina Grande, 2014.

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina grande**. 2 ed. João pessoa, Editora Universitária/UFPB, 1978.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os Índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2010.

ARAÚJO, George Gomes. O Aldeamento de uma Origem. In. **A Aldeia Pagã e Batizada: as tradições na fundação de campina Grande (1665-1702)**. Especialização em História. Campina Grande: UFCG, 2006, pp. 26/35.

CÂMARA, Epaminondas. **Os Alicerces de Campina Grande**. 3 ed. Edições caravela, 2006.

HOBSBAWN, Eric J. **A Era dos Impérios (1875-1914)**. Tradução: Sieni Maria Campos, Yolanda Steidel de Toledo. Revisão: Maria Célliapaoli. –Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988.

LE GOFF, Jacques. A ordem da Memória. In. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al]. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

MACMILLAN, Margaret. **Usos e Abusos da História**. Tradução: Carlos Duarte e Anna Duarte. Rio de Janeiro: Record, 2010.

MONTEIRO, Luíra Freire. **Retórica da Alteridade: Portugal e portugueses na historiografia brasileira**. São Paulo: hedra, 2016.

MONTENEGRO, José Benjamim. **Cabral Visto de Perto**. João Pessoa: A União, 2017.

PEREIRA, José do Egito Negreiros. **O Negro Brasileiro e a Descontinuidade de Diferente Saberes Históricos: olhares**. Trabalho de Especialização em Educação Para as relações Étnico-raciais. UFCG, 2016.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora). 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989, p. 3-15.

REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. 9 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

_____. **O Desafio Historiográfico**. –Rio de Janeiro: editora FGV, 2010.

SILVA, Gustavo Henrique. **Um passado de Glórias, Um Futuro Promissor: os 100 anos de caruaru –PE entre festas de expectativas (1957)**. Revista Campo da História, Volume 1, nº 1. 2017, FAFICA.

SOUSA, Antônio Clarindo Barbosa de. **O Dia Em Que a Cidade (quase) Pertenceu a Todos: o centenário de Campina Grande**. Tese de defesa de doutorado, Recife, 2002.

Jornais

Diário da Borborema. Número: 2208. Campina Grande 11 de outubro de 1964.

Jornal da Paraíba. Fascículo 1. 29 de abril de 2014. Fascículo 2. 25 de maio de 2014. Fascículo 3. 29 de junho de 2014. Fascículo 4. 27 de julho de 2014.